

Motivados pela sucessão do Sr. Bispo do Porto e pelo que sobre isso se tem dito nos jornais, um grupo de Padres decidiu publicar este texto, resultado de vários encontros realizados. Para além desta preocupação inicial, motivou-nos ainda o nosso interesse pela Igreja a que pertencemos e a preocupação pela apatia, falta de entusiasmo de muitos e desistência de alguns, a degradação da qualidade de presença da Igreja no espaço desta Diocese, e a necessidade de nos reunirmos como direito e dever de nos entreeajudarmos e buscarmos em comum a resposta para os graves problemas e inquietações do povo de que fazemos parte e servimos.

Este é um contributo humilde de quem está dentro da Igreja, com os seus pecados, os quais como membros dela também assumimos.

O tempo que vivemos exige de nós atenção e acção evangélicas.

Verificamos que nestes últimos anos tem diminuído o nosso dinamismo, entusiasmo e criatividade. Numa breve história deste processo tomou-se consciência de algumas razões, que se prendem com a dificuldade do tempo presente neste país e nesta Igreja, e também com a involução verificada, que criou dificuldades e cansaços generalizados.

Porque o Bispo é para a Igreja e a Igreja para o Mundo, decidimos analisar em traços largos, e sem preocupação de sermos completos ou perfeitos, a situação da nossa Igreja diocesana no que toca ao Clero e Pastoral e a situação concreta em que nos inserimos.

1. Algumas interpelações do nosso tempo.

Sem pretendermos fazer aqui a análise da situação portuguesa nos moldes em que foi feita e assinada por alguns de nós no documento "Os Cristãos e a vida do Povo Português" de 22/2/79, procuramos aqui partilhar o que sentimos e experimentamos na nossa ligação e serviço ao povo.

Algumas fontes de inquietação:

- Repressão no trabalho.
- Crise do Sindicalismo em Portugal: delegados sindicais sem preocupação ou qualidade, repressão sobre os dirigentes mais activos, egoísmos de grupos profissionais, motivações das greves quase exclusivamente movidas pelo económico sem dar atenção a outras condições que degradam a qualidade de vida, dificuldades de mobilizar os trabalhadores, etc..
- A Escola e o Homem que ela modela: desespero pela falta de saída profissional, competitividade, formação apenas para a carreira e

não para a educação integral, etc..

- Situação dos trabalhadores rurais: carências, insegurança, dureza de vida, falta de organização.
- Entrada de Portugal na CEE: como e a favor de quem? Em Igreja, que resposta temos a dar?
- Trabalho a prazo, desemprego e primeiro emprego, e suas graves consequências (medo, dependência, desmobilização).
- Insensibilidade aos problemas e sentimento de incapacidade em os resolver, bem como a falta de apoio e o descrédito contra novas experiências (autogestão, cooperativas, etc.).
- Qualidade e conteúdo dos meios de comunicação social. O tipo de Homem que estão a fazer - o homem unidimensional, essencialmente consumista.
- Comportamentos e actuações de partidos, organizações e instituições que visam mais a conquista do poder, do que objectivos de educação e participação democráticas.
- Desmobilização e desencantamento de tudo o que são organizações de base (na sociedade e na Igreja).
- Corrupção das estruturas. Tudo vale desde que dê dinheiro e influência.
- Acentuação da dimensão económica do que se chama desenvolvimento e progresso, com prejuízo de todas as outras dimensões do Homem e da Sociedade. Isto dá origem a novos capitalismos que reduzem o Homem e são na prática um verdadeiro materialismo.
- Fuga, evasão e alienação provenientes da crise e insegurança em que vivemos.

2. Clero e Pastoral: alguns sinais de preocupação.

- Desinteresse generalizado pela criatividade, actualização e intervenção; o "costume", o "tradicional", o "como dantes", o "não vale a pena".
- Vida mole e fácil que busca nos "derivados" a compensação para as falhas ao essencial: dinheiro, operações da banca, aquisição, construção e negócio de casas, obras materiais, etc.
- Não criar problemas nem complicações a nenhum nível.
- Não há "Padres novos" na Diocese.
- Padres que gastam quase todo o seu tempo a tirar outros cursos, a dar aulas e em outras actividades que nada têm a ver com o ministério presbiteral.
- O Conselho Presbiteral não garante uma suficiente representatividade dos mais novos, nem de importantes sectores pastorais (Pastoral Operária, Rural e Estudantil).



- Modalidade de nomeações baseadas em critérios de carreirismo.
- O regresso a velhos sistemas, velhos catecismos, velhas instituições e velhos costumes já abandonados e agora recuperados.
- Situação de hipocrisia nas relações entre Padres e Bispo e medo de ir à raiz das situações. Maior preocupação com o parecer do que com o ser. Vive-se do triunfalismo para iludir a realidade.

3. Que desafio lançam à Igreja um tal tempo e um tal Homem?

A nossa primeira preocupação é como fazer Boa Nova nesta situação. É para nós uma certeza que há saídas e hoje existem já sinais de mudança.

A Igreja, como perita em humanidade, como luz e fermento, tem uma missão importante que é a de levar por diante o projecto de Jesus Cristo, apoiada e orientada pelos critérios e espírito do Evangelho. A Igreja faz apelo à conversão do coração das pessoas e à mudança das estruturas e está aberta a todas as iniciativas que se orientam para o bem comum, para uma sociedade mais justa e igualitária. Fazendo-o, cuidará de não abafar as tensões próprias da vida e aproveitará dela os dinamismos de mudança.

Ela tem que procurar sempre em Cristo aquilo que lhe é específico. Está solidária com os pobres, por eles se deixa converter e escuta os seus gritos (Ex. 5). Os seus sofrimentos e alegrias, as suas angústias e esperanças são as dos homens de hoje (GS 1).

Na sua missão, assume com toda a consciência a Cruz como caminho de Ressurreição: A Cruz está hoje em todos os caminhos de Justiça, de Verdade, de Amor e de Libertação.

A Igreja aparece como a grande defensora e promotora da dignidade da pessoa humana e é tanto mais Igreja quanto mais se afasta do poder para ser serviço, que muitas vezes passa pelo sofrimento e até pelo martírio. A isto não é indiferente o atentado contra membros da Igreja. Ela hoje tem consciência de que os seus gestos e estilo de vida é que dão força e verdade às suas palavras.

Acreditamos que é possível congregar esforços para que a Igreja seja fiel a Jesus Cristo Libertador e esperança dos povos. Como pátria da Liberdade, ela há-de promover e defender o direito das minorias e acolherá com carinho o esforço e iniciativas de pessoas, grupos e comunidades, que crescem por todo o lado e são um sinal de esperança.

4. Ganha corpo uma alternativa.

Muitos homens e mulheres antes de nós semearam na entrega, na dor e na alegria, e disso sentimos hoje os efeitos. Nos tempos difíceis



que vivemos são igualmente muitos os que trabalham com esperança. Acreditam numa alternativa e não fogem às dificuldades para lhe dar corpo ("o que perder a sua vida por causa de Mim e do Evangelho encontra-a" - Mc. 8,35).

Neste país e no mundo, com a presença dos cristãos ou sem ela, são muitos os sinais positivos: a importância dada à qualidade de vida com um variado número de iniciativas e grupos; a descoberta e desenvolvimento de dimensões do Homem a que a racionalidade não tinha dado atenção; o sentido do universal, do cósmico, e o valor dado à força da solidariedade; a importância dada a factores culturais de raiz popular e às culturas locais; a prática de novas relações de trabalho e de modelos económicos com cooperativas ou vida em comum, etc. Em tudo isto os cristãos têm desempenhado um papel importante. A Igreja, como comunidade de fé e de vida, vai ganhando crédito junto dos mais pobres e desfavorecidos, através da opção clara de muitas Igrejas locais, do nascer de comunidades e grupos empenhados numa acção evangélica, o aparecimento cada vez maior de comunidades religiosas com grande sensibilidade aos problemas do povo e levando uma vida de pobres; uma maior promoção do Laicado e o respeito pelas minorias na Igreja, etc..

Se neste campo se têm registado tensões e conflitos e até tentativas de abafar esta corrente de vida, também é verdade que isso não tem esmagado a marcha. O que for obra de Deus resistirá às tempestades e vendavais das oposições e dos tempos.

Em tudo isto haverá que dar novo incremento de solidariedade, partilha, confronto e busca comum, e que estar atento ao muito mais que existe e é ignorado, não se gloriando em si próprios mas sabendo que a luz não é para se colocar debaixo da mesa.

5. Que Bispo para a Igreja desta Diocese?

Não sabemos se a nossa voz será ou não tida em consideração.

Mas é para nós importante afirmar:

- Que é um direito da Igreja local pronunciar-se em relação a quem a preside. Isto faz parte da Tradição da Igreja.
- Que o Bispo seja essencialmente Pastor e tenha sensibilidade ao viver concreto do seu povo, seja capaz de sentir, perceber e traduzir na acção pastoral essa mesma vida.
- Defenda não só a liberdade "da" Igreja, mas a liberdade "na" Igreja.
- Saiba e queira ser livre em relação a pessoas, grupos e pressões que podem condicionar a sua acção e constituir uma barreira ao correcto exercício do seu ministério.



- Que seja capaz de enfrentar as tensões e conflitos próprios de uma sociedade e Igreja em mudança e não pretenda tudo pacificar a qualquer preço.

Que este nosso contributo seja por todos recebido como um elemento de reflexão para provocar uma busca comum dos caminhos de fidelidade da Igreja a Cristo e ao Evangelho, hoje a aqui.

Notas: Nº 3 - A Igreja como luz, fermento, apelo à conversão do coração e à mudança das estruturas, serviço, estilo de vida: Mt. 5, 14-16; Mt. 13, 33; Act. 2, 37-40; Lc. 22, 25-27; Jo. 13, 35.

- A consciência de Cruz, os caminhos de justiça, a dignidade do homem e sinais de esperança: "Redemptor Hominis" nº 10 a 14 e "Gaudium et Spes" nº 76.

Nº 5 - Tivemos em conta o Concílio e a genuína Tradição da Igreja.

Porto, 9 de Julho de 1981.

Assinam os Padres:

- Albino Lopes Moreira da Silva
- António de Brito Peres
- António Caetano da Silva
- António da Silva Martins
- António de Sousa Alves
- Arlindo Magalhães Ribeiro da Cunha
- Bernardino de Queirós Alves
- Carlos Alberto da Rocha Moreira
- Celestino de Oliveira Félix
- Domingos da Costa Monteiro de Oliveira
- Domingos Ferreira de Castro e Sá
- ~~FRANCO~~ ^{FERNANDO} de Lima Milheiro Leite
- Joaquim Ribeiro
- José Lopes Baptista
- José Maria Pacheco Gonçalves
- José Ribeiro da Mota
- José da Silva Alves Coelho
- José Torres Maia
- Lino da Silva Maia
- Manuel de Almeida Sousa Vilar
- Manuel Moreira Gaspar
- Manuel da Silva Coelho
- Rui Manuel Dias Martins Pinheiro
- Serafim Ferreira de Ascensão

